

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
COLÉGIO POLITÉCNICO DA UFSM
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GESTÃO DE
COOPERATIVAS**

**O PROJETO ESPERANÇA/COOESPERANÇA COMO UMA
FORMA DE DESENVOLVIMENTO DA PEQUENA
PROPRIEDADE RURAL DE SANTA MARIA: UM ESTUDO DE
CASO**

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO

Daiane Piegas Messa da Costa

Santa Maria, RS, Brasil.

2014

**O PROJETO ESPERANÇA/COOESPERANÇA COMO UMA
FORMA DE DESENVOLVIMENTO DA PEQUENA
PROPRIEDADE RURAL DE SANTA MARIA: UM ESTUDO DE
CASO**

Daiane Piegas Messa da Costa

Trabalho Final de Graduação apresentado ao Curso Superior de
Tecnologia em Gestão de Cooperativas do Colégio Politécnico da
UFSM, como requisito parcial para obtenção do grau de
Tecnólogo em Gestão de Cooperativas

Orientador: Prof. Esp. Gilberto Wakulicz

Santa Maria, RS, Brasil.

2014

**Universidade Federal de Santa Maria
Colégio Politécnico da UFSM
Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Cooperativas**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova o Trabalho Final de Graduação

**O PROJETO ESPERANÇA/COOESPERANÇA COMO UMA
FORMA DE DESENVOLVIMENTO DA PEQUENA
PROPRIEDADE RURAL DE SANTA MARIA: UM ESTUDO DE
CASO**

elaborado
Daiane Piegas Messa da Costa

como requisito parcial para obtenção do grau de
Tecnólogo em Gestão de Cooperativas

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Esp. Gilberto Wakulicz
(Orientador/Presidente)

Prof^a. Dr^a. Márcia Lenir Gerhardt (UFSM)
(Coorientadora)

Prof^o. Me. Lucas Veiga Ávila (UFSM)

Prof^o. Me. Cicero Urbanetto Nogueira (UFSM)

Santa Maria, 14 de Janeiro de 2014.

Dedico este trabalho aos meus pais Luisa Piegas
Messa, Ovídio da Silva Messa
(In Memoriam), ao meu amado Esposo Ademir
José da Costa, minha amada filha Sophia Messa da
Costa, minha irmã Andresa Piegas Messa, minha amiga
Elenice Sansonowicz , minha secretária Noeli Willers e
a todos que de alguma forma me ajudaram nesta etapa,
agradeço por todo apoio e paciência para a realização
deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço a UFSM por cumprir com seu papel social de instituição educadora.

Agradeço ao Colégio Politécnico da UFSM, por proporcionar excelência na qualidade de ensino na formação de profissionais para o mercado de trabalho do curso que estou concluindo, Tecnologia em Gestão de Cooperativas.

Ao meu orientador Professor Gilberto Wakulicz por todo o suporte, dedicação, pelo apoio, compreensão e pela amizade durante a realização deste trabalho,

A minha coorientadora Professora Márcia Lenir Gerhardt por todo o apoio, pela segura e positiva orientação, dedicação, colaboração, paciência, amizade, pelas horas dedicadas a leitura deste trabalho, por ensinar-me tanto, sem esta ajuda não seria possível concluir esta empreitada acadêmica.

Aos meus pais por terem me educado com os valores da verdade, sinceridade, amizade, honestidade e perseverança.

Ao meu amado esposo Ademir pela compreensão e cumplicidade ao longo desses anos e a nossa amada filha Sophia, a razão de tudo.

Aos meus irmãos e demais familiares que me apoiaram neste momento de minha carreira.

Um agradecimento muito especial a Coordenadora do Projeto Esperança/ Cooesperança Irmã Lourdes Dill, que me proporcionou a realização deste estudo.

Agradeço a todos que me auxiliaram, pela compreensão e amizade e por fim agradecer a Deus e aos meus mentores espirituais, por me darem forças e iluminar o meu caminho para chegar às respostas desejadas no decorrer deste trabalho.

Aos colegas, à coordenação do curso de Gestão em Cooperativismo, e a todos aqueles que me auxiliaram nesta caminhada, sendo pelos diferentes modos, ajudaram para que eu estivesse realizando este grande sonho, a minha formação acadêmica, gostaria de lembrar a todos que esta vitória só foi possível através da ajuda e apoio de vocês o meu reconhecido e agradecimento;

Muito obrigada

“Não sei... se a vida é curta
ou longa demais para nós,
mas, sei que nada
do que vivemos tem sentido,
se não tocamos o coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser:
o colo que acolhe,
o braço que envolve,
a palavra que conforta,
o silêncio que respeita,
a alegria que contagia,
a lágrima que corre,
o olhar que acaricia,
o desejo que sacia,
o amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo,
é o que dá sentido à vida.
É o que faz com que ela não
seja nem curta, nem longa demais,
mas que seja intensa, verdadeira,
pura enquanto ela durar...”.

(Cora Coralina)

RESUMO

Trabalho Final de Graduação
Colégio Politécnico da UFSM
Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Cooperativas
Universidade Federal de Santa Maria

O PROJETO ESPERANÇA/COOESPERANÇA COMO UMA FORMA DE DESENVOLVIMENTO DA PEQUENA PROPRIEDADE RURAL DE SANTA MARIA: UM ESTUDO DE CASO

AUTOR: DAIANE PIEGAS MESSA DA COSTA

ORIENTADOR: GILBERTO WAKULICZ

Data e Local: Santa Maria, 10 de dezembro de 2013.

O presente estudo, desenvolvido no curso de Tecnologia em Gestão de Cooperativas do Colégio Politécnico da UFSM, objetivou verificar a importância da Economia Solidária para o desenvolvimento da pequena propriedade no processo produtivo e indicadores comercialização. Para atender o objetivo proposto foi analisado os indicadores de produção e custos dos cooperados, as relações entre os cooperados e o Projeto esperança/Cooesperança. A investigação abordou um estudo de caso, relacionado com a análise da importância econômica da Cooperativa-Solidária para o desenvolvimento da pequena propriedade rural, que foi abordada na Cooperativa Mista dos Pequenos Produtores Rurais e Urbanos Vinculados ao Projeto Esperança/Cooesperança. Metodologicamente tratou-se de uma pesquisa quanti-qualitativa, exploratória. Os instrumentos utilizados foram um questionário, análise documental e bibliográfica. Teoricamente amparou-se, em especial em Bialoskorski Neto (2002) e Lange (2009). As evidências apontaram que a cooperativa vinculada ao Projeto Esperança/Cooesperança apresenta uma considerável importância econômica para o desenvolvimento da pequena propriedade rural.

Palavras-chave: Cooperativa Solidária. Agricultura Familiar. Projeto Esperança/Cooesperança.

ABSTRACT

Final Graduate Work
Polytechnic College UFSM
Degree in Technology Management in Cooperatives
Federal University of Santa Maria

ESPERANÇA/COOESPERANÇA PROJECT AS A TOOL FOR DEVELOPMENT OF THE SMALL RURAL PROPERTY IN SANTA MARIA/RS: A STUDY OF CASE

AUTHOR: DAIANE PIEGAS MESSA DA COSTA
SUPERVISOR: GILBERTO WAKULICZ
Date and Place: Santa Maria, December 10th, 2013.

This present study, developed in the course of Technology in Cooperative Management (Tecnologia em Gestão de Cooperativas) from the Colégio Politécnico - UFSM aims to verify the importance of the economy based on solidarity for the development of the small property in the productive process and the indicators of commercialization. For that we can achieve the objective proposed, we are going to analyze the indicators of production and the costs of the people evolved in the cooperative, the relation among these people and the Esperança/Cooesperança Project.. The investigation approached a study of case, related to the analysis of the economic importance of the Cooperative based on solidarity for the development of the small rural property, which was addressed in the Cooperativa Mista dos Pequenos Produtores Rurais e Urbanos Vinculados ao Projeto Esperança/Cooesperança. As a method, it was a quantitative, qualitative research, exploratory. The tools used were questionnaire, documental analysis and literature review. Theoretically, the study was supported by Bilalorskorski Neto (2002) and Lange (2009), among others. We concluded that the cooperative linked to the Esperança/Cooesperança Project presents a considerable economic importance to the development of the small rural property.

Keywords: Cooperative Solidarity. Family Farming. Esperança/Cooesperança Project.

LISTA DE TABELA

Tabela 1 – Resultado da pesquisa no Projeto: Esperança/Coesperança	25
--	----

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1 – Localização das Propriedades Rurais.....	33
--	----

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A – O projeto Esperança/Coesperança – Foco do Estudo	42
APÊNDICE B – A Feira	50

LISTAS DE ANEXO

ANEXO A –Questionário utilizado para a entrevista	51
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 REVISÃO DE LITERATURA	15
2.1 A Economia Solidária.....	17
3 MATERIAIS E MÉTODOS	22
4 RESULTADOS E DISCUSÃO	25
4.1 Os cooperados e sua produção: o controle dos custos da produção	26
4.2 Relações entre cooperados e o projeto Esperança/Coesperança.....	30
CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS.....	39
O Projeto	42
A Feira	50

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo, desenvolvido no curso de Tecnologia em Gestão de Cooperativas do Colégio Politécnico da UFSM, tem como objetivo verificar a importância da Economia Solidária para o desenvolvimento da pequena propriedade no processo produtivo e indicadores comercialização.

Para atender o objetivo proposto foi analisado os indicadores de produção e custos dos cooperados, as relações entre os cooperados e o Projeto Esperança/Cooesperança. O termo Projeto Esperança/ Cooesperança, será tratado nesse artigo com o termo Projeto.

Trata-se de tema de grande importância no atual contexto do Cooperativismo da Economia Solidária na sociedade, pois traz desenvolvimento interpessoal utilizando o dinamismo que fortalece a cooperação entre as áreas e está ligado nas questões sociais para a construção de uma sociedade melhor, baseada em valores como a solidariedade, igualdade de direitos e deveres, de responsabilidade e compromisso, valorizando o homem como um ser, e não pelos seus valores aquisitivos.

O presente trabalho traz abordagens sobre como ocorre o desenvolvimento das pequenas propriedades rurais, com a colaboração da Cooperativa Mista dos Pequenos Produtores Rurais e Urbanos ao Projeto.

A cooperativa é uma Central, que juntamente com o Projeto, congrega e articula os grupos organizados e viabiliza a comercialização direta dos produtos oriundos dos empreendimentos solidários do campo e da cidade, e que crescem juntos com todos os grupos em um novo modelo de cooperativismo na proposta alternativa, solidária, transformadora e autogestionária no desenvolvimento sustentável.

Gerar renda e oportunidade de trabalho é o grande desafio, além de encontrar instrumentos de inclusão social e econômica capazes de levar os associados a fazer parte do processo de desenvolvimento. Neste contexto, surge o cooperativismo diante do desafio de cumprir o papel de fortalecimento das pequenas propriedades rurais.

A pesquisa foi estruturada por meio da coleta de dados com base em uma análise documental, bibliográfica e entrevista semi-aberta. O objetivo da pesquisa com os Cooperados do Projeto é entender o processo produtivo nas propriedades, bem como os aspectos econômicos de gerenciamento e produção, em especial, o atendimento via Projeto, na satisfação de resultados econômicos alcançados.

A hipótese da investigação foi de que os fatores apresentassem resultados significativos, por meio da coleta de dados junto aos cooperados, evidenciando os indicadores sociais ou econômicos, que por meio do trabalho cooperativado sendo essa razão principal do Projeto; hipótese essa confirmada ao concluir o estudo a pesquisa.

Cabe salientar que o cooperativismo desde seus primórdios, vem se organizando de modo a integrar-se para superar toda forma de dominação econômica e fazer com que os trabalhadores possam controlar seu destino. Porém, para que os resultados sejam alcançados é imprescindível visualizar a missão fundamental de promover a inclusão social pela organização cooperativista, ampliando as oportunidades econômicas dos pequenos agricultores, fomentando o desenvolvimento da pequena propriedade rural.

Na pesquisa realizada foram analisadas duas situações distintas, quais sejam: Os cooperados e a sua produção: o controle dos custos da produção e As relações entre os Cooperados e o Projeto Esperança/Cooesperança.

Para tanto, é necessário que antes da apresentação e análise dos dados coletados e tratados, é importante ter uma visão do que é o sistema cooperativo, a economia solidária e a importância desta na vida dos cooperados participantes do Projeto Esperança/Cooesperança.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Segundo VITORINO & BENATO (1994), o cooperativismo é uma teoria baseada na cooperação, agindo como um sistema reformista da sociedade que quer obter resultados favoráveis, produto de um trabalho coletivo que envolve o lado social.

Segundo Bialoskorski Neto (1998) descreve cooperativa como sendo uma organização empresarial de propriedade comum, baseada em princípios doutrinários com origens nos socialistas utópicos associacionistas. Ainda segundo o autor seus ideais são a igualdade, a solidariedade, a fraternidade e a liberdade, de forma a buscar condições para que os associados possam se estabelecer eficientemente no mercado, além de proporcionar bem estar social.

O cooperativismo possui grande importância, pois oportuniza que pessoas (produtores) de todas as classes sociais, sejam inseridas no negócio diferindo de outros modelos de economia, que não proporcionam esta mesma oportunidade; seria uma alternativa para o desenvolvimento econômico e social.

Segundo Rosembuj (1985), as cooperativas são conceituadas como sociedades aprimoradas na autonomia e na vontade de seus membros, para satisfazer as suas necessidades de natureza, econômica, cultural e social, mediante ao esforço e a ajuda mútua de todos os envolvidos.

Para Rosembuj (1985), estas sociedades são criadas para superar limites que não poderiam ser alcançados pelo esforço individual e se fundamentam nos sete princípios do cooperativismo que são: adesão voluntária e livre, gestão democrática, participação econômica dos membros, autonomia e independência, educação, formação e informação, inter cooperação e Interesse pela comunidade, estes princípios são os limites por meio dos quais as cooperativas colocam os seus valores em prática.

Para melhor entender, o verdadeiro significado dos princípios do cooperativismo, sendo estes os pilares da cooperação, a seguir conceitua-se cada um destes (ACI, 2013)¹:

¹ ACI: Aliança Cooperativa Internacional.

O Princípio da Adesão livre e Voluntária, assegura que cada pessoa tem a liberdade de se associar e sair da cooperativa (ACI, 2013).

O Princípio da Gestão Democrática, compreende que cada cooperado tem direito a um voto, independente do número de quotas-partes, onde pode votar e serem votados, pois elegem os representantes que irão administrar a sociedade. Reúnem-se em assembleia, discutem e votam os objetivos e metas do trabalho conjunto (ACI, 2013).

O Princípio da Participação Econômica dos Membros, garante que todos os cooperados contribuem equitativamente e controlam democraticamente a formação do capital da cooperativa. Caso a cooperativa tenha uma boa administração obtendo uma receita maior do que as despesas, esses rendimentos serão divididos entre os sócios até o limite do valor da contribuição que cada um tenha direito. De acordo com a decisão que a assembleia tomar o restante poderá ser destinado para investimentos na própria cooperativa ou para outras aplicações (ACI, 2013).

O Princípio da Autonomia e Independência, evita-se a possível intervenção do governo sobre o cooperativismo sendo que o funcionamento da cooperativa é controlado pelos seus sócios, que são os donos do negócio. E qualquer acordo que seja firmado com outras organizações e empresas devem garantir e manter essa condição (ACI, 2013).

O Princípio da Educação, Formação e Informação, o dever das cooperativas é proporcionar educação e treinamento para os sócios com o objetivo de contribuir com eficiência para o seu desenvolvimento. Nesse sentido, deve haver informação ao público em geral, principalmente os jovens e os líderes formadores de opinião, sobre a natureza e os benefícios da cooperação. E para ter um fortalecimento adequado do cooperativismo é preciso que haja intercâmbio de informações, produtos e serviços viabilizando o setor como atividade sócio econômica (ACI, 2013).

O Princípio da Inter cooperação e Interesse pela comunidade, as cooperativas devem se unir entre si com a finalidade de para melhor atender o interesse dos seus cooperados, bem como, os cooperados devem se unir em torno de interesses comuns, para viabilizar uma cooperativa. E as cooperativas devem trabalhar pelo desenvolvimento sustentável de suas comunidades utilizando as políticas aprovadas por seus membros (ACI, 2013).

Os valores cooperativos estão baseados na ajuda mútua, auto responsabilidade, democracia, igualdade, equidade e solidariedade. Com base na

tradição de seus pioneiros, se evidencia a importância dos valores éticos da honestidade, dos mecanismos democráticos de consulta e informação dos associados, da responsabilidade social e da associação voluntária de pessoas para se ajudarem economicamente.

2.1 A Economia Solidária

Na visão de Oliveira (2011, p.46), a economia solidária é uma prática democrática com cooperação, participação, solidariedade, sustentabilidade e respeito à vida, regulada em princípios que procuram respeitar a produção social e as relações humanas. Ainda segundo o autor a Economia Solidária é um exemplo alternativo que ajusta oportunidades de trabalho, geração de renda de uma forma autogestionária e participativa por meio da Cooperação, Solidariedade e da Autogestão.

Foi em meados dos anos de 1980 no Brasil, que começaram as pequenas experiências, utilizando a economia solidária. Já no ano de 2012, conforme dados da revista² são mais de 2 milhões de trabalhadores praticando esta Economia ajustada na autogestão, na ausência de patrões e fortalecida pelos princípios da Ética Ambiental, Valores Humanos e Cristãos que vem fortalecer a cidadania e a inclusão social.

Sendo assim, este formato de trabalhar a economia, fortalece a comunicação e a prática de que o dinheiro é só um meio e não um fim, o dinheiro somente servirá para qualificar a vida, as condições humanas e consolidação do bem estar, para todos os habitantes do Planeta Terra, com este novo modelo de Economia, todas as pessoas tem vez que contribuem com sua participação organizando-se e atuando como sujeito autogestionário.

A economia solidária, na ótica de Lamge (2009) conceitua como uma forma de cooperativismo que denota autonomia. Sendo assim, o seu principal propósito é a melhora na qualidade de vida dos seus cooperados, enfatizando as competências

² Revista: 35 anos do Projeto Esperança/Cooesperança. Projeto Esperança/ Cooesperança: Uma experiência aprendente e ensinante. Santa Maria, RS - Brasil, 2012.

dos mesmos, contribui para que o cooperado possa manter-se no mercado, e através da venda de seus produtos remete a renda para o sustento familiar.

Economia Solidária é uma forma diferente de produzir, vender e consumir produtos, de oferecer e receber crédito. Uma de suas principais características não é visar o lucro, mas sim o desejo de viver bem, por meio de um sistema econômico onde não existam excluídos, baseado na partilha e na união e as relações de trabalho passam longe do individualismo, ao invés de competição e indiferença, nesta economia ocorre à cooperação e solidariedade.

De acordo com Singer e Souza (2003) conceitua a economia solidária como o modo de produção e distribuição alternativo ao capitalismo, construído a partir de homens e mulheres que, ao longo da história de implantação da economia de mercado, ficaram à margem dos benefícios originados por ela. Para os mesmos a economia solidária vai além da posse dos meios de produção e distribuição pelos associados, pois a operação dos meios produtivos também é socializada, já que o avanço tecnológico e a fabricação em larga escala geram a socialização das pessoas envolvidas no processo, além disso, a economia de mercado a operação dos meios produtivos são igualmente socializados, obedecendo à mesma lógica de análise.

A economia solidária inspira valores culturais que colocam o ser humano como sujeito e tem a finalidade de atividade econômica, é de suma importância essa economia para a natureza com o objetivo de cuidar e respeitar a gestão democrática dos empreendimentos, todos decidem juntos assegurando que todos partilhem entre si os ganhos ou perdas.

Na prática, as experiências vivenciadas na economia solidária têm uma contribuição na geração de renda com uma autonomia financeira de grupos específicos tendo o auxílio de gestores e técnicos especializados.

Os produtos produzidos podem ser comercializados como venda direta ao consumidor, feiras, eventos solidários, trabalho com outros parceiros ou grupos que tem a possibilidade de criar seu próprio ponto específico para a venda dos produtos. E com a diversidade na economia solidária proporciona uma forma de ganhos tanto na área urbana como rural.

No que tange, a falta de legislação específica, a economia solidária enfrenta dificuldades para os empreendimentos solidários, pois, acarreta para os produtores ter que criar uma empresa comum sendo que a diferença está na forma de gerenciar

o negócio cuja finalidade é a inclusão na participação nos resultados baseado pela solidariedade.

Nos dias atuais a economia solidária ressurgiu como um resgate histórico da luta dos trabalhadores na defesa contra a exploração do trabalho humano como uma alternativa ao sistema capitalista de organizar as relações sociais dos seres humanos entre si e destes com a natureza.

No início do capitalismo em referência as relações do trabalho assalariado que seria a principal forma de organização do trabalho levaram a um grau de exploração do trabalho humano sendo que os trabalhadores organizavam-se em sindicatos e em empreendimentos cooperativados.

Nesse sentido, a função dos sindicatos era a defesa e a conquista dos direitos dos assalariados, a dos empreendimentos cooperativados era de autogestão, sendo uma forma alternativa à exploração assalariada. E a luta nesses dois campos sempre complementaram-se, onde a ampliação do trabalho assalariado no mundo acarretou para o sistema capitalista tornar-se hegemônico que transformou o trabalho humano em mercadoria. E as demais formas como comunitárias, individuais, artesanais, familiares, cooperativadas eram tratados como “resquícios atrasados” tendendo a ser absorvidos e ser transformados cada vez mais em relações capitalistas.

A atual crise do trabalho assalariado trouxe desvantagem para o sistema capitalista de transformar tudo em mercadoria sendo ofertadas e consumidas em um mercado equalizado pela competitividade. No Brasil aproximadamente 50% dos trabalhadores que sobrevivem do trabalho assalariado tem como base o sistema capitalista hegemônico e os demais trabalhadores que seriam para ser absorvidos pelo capitalismo representam um desafio para ser superado que será enfrentado pelo movimento que tenha a característica de conjugar todas essas formas com objetivo de desenvolver um projeto alternativo de economia solidária.

Conforme o SNCJS³ que descreve os princípios da economia solidária, estes importantes e norteadores das relações da economia perante com os seus participantes assim são definidos:

³ Sistema Nacional de Comércio Justo e Solidário.

Fortalecimento da democracia, autogestão, respeito à liberdade de opinião, de organização e de identidade Cultural no desenvolvimento das atividades relacionadas à Produção e à Comercialização Justa, Solidária e Participativa.

Garantia ao Desenvolvimento Local, garantia de condições justas de produção, trabalho, remuneração, agregação de valor e comercialização, bem como o equilíbrio e respeito nas relações entre os diversos atores, visando a sustentabilidade econômica, sócio-ambiental e a qualidade do produto em toda a Cadeia Produtiva, num “Pensar Global e Agir Local”.

Apoio ao Desenvolvimento Local em direção a sustentabilidade, de forma comprometida como o bem-estar sócio-econômico e cultural da comunidade, promovendo a inclusão social através de ações geradoras de Trabalho e Renda. Manutenção e recuperação da Biodiversidade e o cuidado com o Planeta Terra.

Respeito ao meio Ambiente, primando pelo exercício de práticas responsáveis e sustentáveis do ponto de vista sócio-ambiental, cuidado da saúde e qualidade de Vida, das pessoas e seres vivos no Planeta Terra.

Respeito à Diversidade, garantida de equidade e não discriminação, provendo a equidade entre todas as pessoas, empreendimentos e entidades e a não discriminação em geral, particularmente em relação a sexo, raça, religião, geração, posição política, procedência social, naturalidade, estado civil ou por ser portador de necessidades especiais.

Garantia de Informação ao Consumidor, primando pela transparência nas relações de produção, comercialização e consumo, bem como pelo respeito aos direitos dos Consumidores e pela Educação para o Consumo Solidário e Responsável.

Estímulo à integração de todos os elos da Cadeia Produtiva, garantindo uma maior aproximação entre todas as pessoas e entidades a ela ligadas.

O que a economia solidária representa é uma globalização de humanização, de desenvolvimento sustentável, socialmente justo com o objetivo para satisfazer as necessidades de cada um, englobando todos os cidadãos, seguindo um caminho de desenvolvimento sustentável na qualidade de suas vidas.

Portanto a economia solidária é modelo de desenvolvimento solidário e sustentável com a preocupação de proporcionar aos produtores inclusão social e cidadania sendo uma inovação no que tange a realização da atividade econômica, pois, não existe empregador e empregado onde todos fazem parte do

empreendimento com a responsabilidade de trabalhar e ser gestor ao mesmo tempo. É uma espécie de movimento social com objetivo de luta pela mudança da sociedade na expectativa de uma forma diferente de desenvolvimento para tornar Solidário, Sustentável e Territorial.

A economia solidária é de grande importância para o meio ambiente, pois, não afeta, não utiliza produtos transgênicos e nem proporciona benefícios a grandes empresas multinacionais que vivem apenas de lucro.

A economia solidária é desenvolvimento para as pessoas que contribuem na construção dos valores da Solidariedade, da Democracia, da Cooperação, da Preservação Ambiental, dos Direitos Humanos, da Cidadania e com Políticas Públicas. E todo consumo favorece a vida, saúde das pessoas e o cuidado com o Planeta Terra, Casa Comum da Humanidade.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

Uma pesquisa científica advém de um processo metódico de investigação, que vem examinar os procedimentos científicos para encontrar respostas para um determinado problema.

Os resultados, advindos do estudo possibilitarão nortear o aperfeiçoamento das relações da economia solidária frente uma sociedade capitalista, a qual prioriza a busca incessante do capital, desconsiderando os aspectos solidários da produção coletiva, onde, em especial, os produtores ou pequenas propriedades rurais, produzem hoje, com incentivos à produção familiar, o alimento que chega as nossas mesas.

O problema da investigação apresenta interesse para a comunidade científica e se constitui em um estudo demonstrando trabalho que irá produzir novos resultados e relevantes para o interesse social e como um todo comunidade.

Quanto aos fins o presente estudo utiliza na pesquisa uma abordagem exploratória de caráter quantitativo e qualitativo. Na visão de Vergara (2005), a pesquisa é de natureza quantitativa, porque procura quantificar ou determinar o número de respostas mediante uma pergunta, ou um elemento a ser pesquisado. A pesquisa é de natureza qualitativa por se tratar também, de forma subjetiva do estudo sobre o desenvolvimento da pequena propriedade rural de Santa Maria, através da utilização de questões semi-abertas com os produtores rurais vinculados ao Projeto.

Conforme Gil (2008), pesquisa exploratória visa proporcionar maior familiaridade com o problema. Pode envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes no problema pesquisado. Geralmente, assume a forma de pesquisa bibliográfica e estudo de caso, o que foi vivenciado durante esse fazer investigativo no Projeto.

Quanto aos meios a pesquisa classifica-se como um estudo de caso e documental. De acordo com Yin (2001), o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que envolve um método que abrange tudo em abordagens específicas de coletas e análise de dados.

Este método é útil quando o fenômeno a ser estudado é amplo e complexo e não pode ser estudado fora do contexto onde ocorre naturalmente. Ele é um estudo empírico que procura determinar ou testar uma teoria, e tem como uma das fontes de informações mais importantes, as entrevistas. Através delas o entrevistado vai expressar sua opinião sobre determinado assunto, utilizando suas próprias interpretações.

A pesquisa documental, devido a suas características, pode ser confundida com a pesquisa bibliográfica. Segundo Gil (2008) enfatiza como principal diferença entre esses tipos de pesquisa a natureza das fontes de ambas as pesquisas. Enquanto a pesquisa bibliográfica emprega fundamentalmente das contribuições de vários autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental baseia-se em materiais que não receberam ainda um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa, característica essa, na qual a presente investigação amparou-se.

Quanto às categorias de análise para a realização da discussão dos dados levantados, essas surgiram no campo empírico destacando os Cooperados e sua produção: controle dos custos da produção e as relações entre os cooperados e o Projeto.

Quanto à coleta de dados foi utilizada como instrumento uma entrevista contendo vinte e nove questões onde os sujeitos de investigação da pesquisa foram 11 cooperados esses participantes são ativos do processo de comercialização direta da produção exclusiva de suas propriedades, através do Projeto.

Segundo Lakatos e Marconi (2001) a coleta de dados vem a ser a primeira etapa do tratamento dos dados, é a etapa cansativa e na maioria das vezes precisa-se de mais tempo do que o esperado, o que exige paciência e muito cuidado do pesquisador.

Com o auxílio da coordenadora do projeto fez-se a seleção. Inicialmente foi feita a seleção por setores de produção e na sequência os produtores mais antigos que participam do projeto.

Quanto à operacionalização os dados foram tratados a partir da análise bibliográfica e documental, bem como o questionário a partir das categorias observadas no campo empírico.

Quanto à análise os dados diagnosticados foram de cunho qualitativo e quantitativo a partir da construção de uma tabela visualizando os dados de acordo com as categorias da investigação.

Foram analisadas, as principais características quanto à forma e desenvolvimento da pequena propriedade rural do Projeto e, para concluir, procedeu-se à análise dos dados coletados por meio das entrevistas realizadas os associados do projeto.

As informações para a análise foram levantadas no período de outubro a novembro de 2013.

As questões do questionário tiveram como base, entender o processo produtivo nas propriedades e os aspectos econômicos de gerenciamento e produção, em especial, o atendimento via Projeto, na satisfação de resultados econômicos atingidos.

Por último, realizou-se a interpretação dos dados onde foram agregadas às informações teóricas, com a finalidade de compreender o sistema de comercialização adotado pelo Projeto e a sua interação com os cooperados participantes.

O tratamento dos dados buscou evidenciar os resultados, tanto sociais como econômicos, que através do trabalho produtivo cooperativado é o ponto principal do Projeto.

4 RESULTADOS E DISCUSÃO

Neste Capítulo, apresentam-se os resultados obtidos na pesquisa realizada com os produtores rurais, participantes ativos do processo de comercialização, vinculados ao Projeto.

A ordem de apresentação da análise dos resultados é por meio das categorias, essas eleitas no campo empírico da pesquisa, isto é: Os Cooperados e sua produção: o controle dos custos da produção; e as Relações entre os Cooperados e o Projeto.

Tabela 1: Resultados da pesquisa sobre a forma de desenvolvimento da pequena propriedade rural: Um Estudo de Caso de Santa Maria RS.

Tabela 1 – Resultado da pesquisa no Projeto: Esperança/Coesperança

CATEGORIAS	
Os cooperados e sua produção: o controle dos custos da produção.	As relações entre os Cooperados e o Projeto Esperança/Coesperança
a) A maioria dos cooperados realiza algum tipo de controle de custos na produção e o restante dos entrevistados não. b) Menos da metade dos cooperados utilizam para controlar os custos de produção programa de controle de custos e planilha de custos, um cooperado utiliza prancheta com anotações do quanto gastou para produzir e divide para colocar o custo de venda; Dois cooperados utilizam cadernos com anotações; Um utiliza cálculo manual, controle de caixa – entrada e saída e três cooperados não utilizam nenhum tipo de método. c) Mais de 80% dos cooperados tem identificado quais os produtos que lhe trazem um maior retorno. Ao identificar os produtos mais rentáveis, preocupam-se com a produção em quantidade maior destes, visando obterem maiores retornos financeiros. d) A maioria dos cooperados tem idéia de qual produto traz mais retorno e apenas dois não tem. e) As receitas oriundas das vendas são	a) Mais da metade dos cooperados tem dificuldades financeiras para manter-se com a atividade agrícola e seis desse não têm dificuldades. b) Mais da metade não recorre com frequência a empréstimos bancários ou afins e seis dos cooperados recorrem. c) A grande maioria dos produtores realiza algum tipo de curso ou treinamento para aprimorar o seu trabalho e de seus colaboradores e sendo que somente dois dos cooperados não utilizam este tipo de método d) Dos onze cooperados entrevistados o trabalho lhe traz realização profissional. e) A maioria dos cooperados é proprietário da terra e somente um cooperado não é proprietário. f) O Projeto Coesperança proporcionou nos últimos três anos no que tange melhorar a produção de sua propriedade e os incentivos recebidos para os cooperados foi na melhora da produção sendo direcionado para a venda do projeto, aumento dos consumidores e renda, utilização de menos agrotóxico, cursos, criação da planilha de controle de Custos, Abertura do

<p>variáveis, conforme a sazonalidade e a disponibilidade de produtos. A agregação de valores é uma preocupação coletiva, mas atualmente atingida por um percentual muito pequeno dos produtores, face o desconhecimento de métodos adequados para tal ato.</p> <p>f) Menos da metade dos cooperados obtém a informação da produção através dos hortifrutigranjeiros verduras e legumes, um através do produto mais vendido, um pelo produto que consegue agregar maior valor, um pelo produto que vende mais, um pela produtividade/venda pelo retorno, entrada de receita da venda do produto, um pelo controle da venda mensal- verduras e frutas, um pela venda da alface e tomate, um pela receita/despesa, um pelo controle na venda mensal, pelas vendas das mudas de temperos e flores para jardins e dois cooperados não obtém informação para produção.</p> <p>g) Menos da metade determina o preço da venda</p> <p>h) A maioria dos entrevistados realiza algum tipo de controle de qualidade da produção na propriedade e somente um não realiza nenhum tipo de controle de qualidade</p> <p>i) Maior parte dos cooperados realiza algum tipo de avaliação após o período produtivo e planejar o próximo e dois não realizam nenhum tipo de avaliação</p> <p>j) Mais da metade dos cooperados a produção própria é suficiente para as vendas e quatro não.</p>	<p>espaço para venda, convívio as pessoas e apoio do projeto pelo espaço oferecido para a comercialização.</p> <p>g) As vantagens dos cooperados em participar do Projeto é a comercialização direta, o espaço para a comercialização dos produtos, venda direta ao consumidor, produtos ecológicos, o acesso aos conhecimentos da Economia Solidária, divulgação dos produtos, garantia de renda, ser empregador e viagens, festas, eventos etc.</p> <p>h) A maioria dos cooperados do Projeto vê o interesse coletivo se sobrepondo ao individual. Reconhecem as vantagens de ter um espaço para venda dos seus produtos e o convívio com outros feirantes e consumidores. Sabem também da importância que a cooperativa tem para o crescimento e desenvolvimento da cooperativa e dos associados.</p>
--	--

Fonte: Elaborado pela Autora

Para melhor interpretar e compreender os dados acima informados, esses estão contemplados, nos tópicos a seguir, de acordo com as categorias pesquisadas e ao final, apresentado o resultado.

4.1 Os cooperados e sua produção: o controle dos custos da produção

O Projeto tem suma importância para os Produtores Rurais e Urbanos no que tange o aspecto econômico, por isso, a preocupação com os aspectos negativos que

existem no projeto e que precisam melhorar com a finalidade de proporcionar satisfação aos produtores vinculados e despertar o interesse de outros produtores sendo fundamental para o fortalecimento.

Quanto à categoria - os cooperados e sua produção: o controle dos custos da produção - pode-se observar que os cooperados têm a preocupação com os custos e o lucro de sua produção.

Segundo Dutra (2003) a definição de custo vem ser a parte do gasto (insumos) usado na produção, independente se ele foi desembolsado ou não. É o somatório de todos os valores adicionados ao bem desde sua aquisição até a sua comercialização.

Sobre os custos de produção observou-se que a maioria dos cooperados entrevistados realiza algum tipo de controle sobre o que gasta. 55% dos cooperados entrevistados utilizam de algum programa de controle de custos, como, por exemplo, as planilhas, os cadernos de anotações onde realizam o controle de venda mensal, o de caixa. Todos têm conhecimento do que é mais rentável produzir, e assim focando sua força de trabalho nestes produtos obtendo bons resultados e retorno financeiro desejado.

Santos (1990, p.19) afirma que “o controle de custos representa o cérebro ou o pulmão ou o coração ou o espírito sem o qual uma entidade não sobreviveria”. As informações de custos proporcionam uma melhor compreensão por parte dos usuários, e para que isso ocorra, essas informações devem ser apresentadas de maneira concisa e verídica.

Mais de 80% dos cooperados tem identificado quais os produtos que lhe trazem um maior retorno, através do controle da venda mensal dos produtos, dos quais os mais vendidos pelos produtores são todos os Hortigranjeiros, em específicos, nas que obtém uma maior venda são as verduras e frutas.

Diante disto, ao identificar os produtos mais rentáveis, preocupam-se com a produção em uma quantidade maior destes, visando obterem maiores retornos financeiros.

As receitas oriundas das vendas são variáveis, conforme a sazonalidade e a disponibilidade de produtos. A agregação de valores é uma preocupação coletiva, mas, o que ocorre é que, os produtores, face ao desconhecimento dos métodos adequados para tal ato, apresentam dificuldades em somar esses conhecimentos

aliados a técnicas que possam trazer efetivamente resultados positivos a coletividade.

Dos produtores, 56 % dos entrevistados determinam o preço da venda, e este preço, na maioria dos que responderam se baseiam pela escala de preço estipulado pelo projeto, pelo preço de mercado e através dos custos na produção dos produtos.

O fato dos cooperados seguirem o que é estipulado pelo grupo de cooperados, caracteriza a fidelização que esses têm para com a cooperativa.

A fidelização dos associados é fundamental para com o desenvolvimento da sociedade, pois a medida que uma cooperativa é capaz de diferenciar-se de uma empresa privada, quanto maior é a capacidade da cooperativa de inserção, mais fácil será para ela manter a sua participação no mercado e mais difícil será para as empresas que não são cooperativas adentrarem nas suas áreas de atuação econômica.

A fidelidade depende da assimilação das necessidades dos seus consumidores e o que a cooperativa produz para satisfazê-las. Essas necessidades podem ser um preço justo, uma entrega antes do tempo, um atendimento sincero, etc. (MOUTELLA, 2004).

Portanto, um dos maiores desafios de uma cooperativa é fazer com que os seus associados venham comprometer-se com a cooperativa, seja entregando a totalidade da sua produção comercializada ou adquirindo os insumos utilizados no sistema produtivo na cooperativa. Na linguagem contratual, há uma relação de especificidade contratual entre cooperado e cooperativa. Entretanto, o grau de dependência da relação para o cooperado é menor.

90% dos entrevistados realizam algum tipo de controle de qualidade da produção na propriedade. Este controle é realizado por eles através de uma análise do que é produzido, das informações dos próprios clientes e do controle dos ingredientes selecionados para fazer a produção dos seus produtos. E quando os produtos produzidos não estão de acordo com a qualidade desejada por esses produtores e clientes, eles são descartados.

Na visão de Hoffman (2003) a qualidade de serviço é a maneira de distinguir a medição da satisfação do consumidor em relação à qualidade do produto oferecido ao cliente. Para a maioria dos conhecedores, a satisfação do cliente é mostrada em curto prazo, característica da transação, ao passo de que o controle da qualidade do serviço decorre da avaliação geral, de longo prazo, de um desempenho.

64% dos cooperados têm dificuldades financeiras para manterem-se com a atividade agrícola. Estas dificuldades são com a falta de mão de obra para ajudar na produção agrícola como na plantação, colheita, na venda, isto foi um dos dados, a respeito das maiores dificuldades vivenciadas pelos produtores, pois com esta falta de mão de obra, acaba ficando a produção somente com os familiares e isto vem acarretar muito trabalho e cansaço, tendo estes ter que cuidar sozinhos de toda a produção.

E também destes 64% não recorrem com frequência a empréstimos bancários ou afins, pois acham que não é necessário, pois consegue pagar suas dívidas com os benefícios da comercialização.

Segundo Chiavenato (2004, p. 314)

Benefício representa a compensação financeira indireta, através de recompensas e serviços proporcionados pela organização, além de salários, como: pagamentos legalmente impostos pela previdência social, seguros, planos de aposentadoria, pagamento de bônus baseados no desempenho, e os custos de serviços relacionados com alimentação, transporte etc.

Diante disto, para que os cooperados possam pagar as suas despesas, é muito importante ter algum benefício como forma de remuneração, sejam sobras líquidas, que são concedidas pelas cooperativas, ou mesmo pelo seu próprio desempenho, conforme o seu trabalho como produtor rural.

Após as vendas 80% dos produtores realizam algum tipo de avaliação após o período produtivo a fim de planejar o próximo. Essa avaliação é feita por eles, pelo controle de estoque, conforme a demanda do que é vendido nas feiras.

Conforme Dias (2010, p.150), em suas considerações sobre os estoques e a avaliação, garante que:

[...] a avaliação de estoque deverá ser realizada em termos de preços, para proporcionar uma avaliação exata do material e informações financeiras atualizadas. A avaliação dos estoques inclui o valor das mercadorias e dos produtos em fabricação ou produtos acabados. Para se fazer uma avaliação desse material, tomamos por base o preço de custo ou de mercado, preferindo-se o menor entre os dois. O preço de mercado é aquele pelo qual a matéria prima é comprada e consta da nota fiscal do fornecedor. No caso de materiais de fabricação da própria empresa, o preço de custo será aquele da fabricação do produto.

64% dos cooperados têm a sua produção própria e ela é suficiente para as vendas, sendo a maior parte da produção comercializada via Projeto.

De acordo com dados apresentados durante a entrevista, pode-se verificar que os cooperados comercializam 80% da sua produção via projeto, que são comercializados juntamente ao terminal de comercialização direta, no Centro de Referência de Economia Solidária Dom Ivo Lorscheiter que é o Feirão Colonial. Os demais produtos são utilizados para o sustento familiar.

O conceito de modo de produção diz respeito a contexto histórico, fruto pelo conjunto de relações que unem os indivíduos e grupos ao processo, no sentido de suas condições materiais de existência, compreendendo igualmente a circulação e troca dos bens materiais (GODELIER, 1981).

Observa-se que os produtores rurais que praticam este tipo de atividade ligada a Economia Solidária veem na cooperativa a garantia da sua renda mensal. Através dos pontos de venda fixos tem seus clientes garantidos. Além do mais, passam de empregados para empregadores, contratando pessoas para o trabalho na própria propriedade rural.

Ficou demonstrado na pesquisa, que há necessidade de que o produtor, em sua pequena propriedade rural, com apoio do Projeto, utilize modernas regras para estabelecimento de seus custos de produção, onde através desta análise poderá, na comercialização dos produtos, obter melhores resultados, dos que os já hoje obtidos.

O aprimoramento constante aliado à modernização da produção fará com que a pequena propriedade rural transforme-se num espaço rentável e sustentável.

4.2 Relações entre cooperados e o projeto Esperança/Coesperança

Quanto às relações entre cooperados e o projeto Esperança/Coesperança, o Projeto procura sempre inserir os agricultores cooperados em uma cadeia de trabalhos relacionada a estudo e formação, proporcionando a esses aprendizados através de reuniões como cursos de especialização ao acesso a informações e atualizações sobre as práticas utilizadas nos processos de produção.

O projeto mostra aos associados a viabilidade de se produzir ecologicamente, preocupando-se com uma agricultura sustentável, sem prejudicar o meio ambiente e os grupos de pessoas/comunidade.

Conforme Souza Silva; Schommer (2008, p.109) discutem a união de indivíduos, conseqüentemente uma comunidade como sendo “um grupo de pessoas que se aglutinam entre si para se desenvolverem em um domínio do conhecimento, vinculado a uma prática específica”.

Sendo assim, é evidente que este grupo de pessoas unidas pela busca de um objetivo comum com o intuito de desenvolverem conhecimento, ampliar novos horizontes e a interação de amizade.

Esse vínculo social (amizade) pode ser construído com a convivência, fruto dessa comercialização direta juntamente ao Projeto.

São pronunciadas pelos agricultores as relações interpessoais, tendo em vista que as relações humanas são fundamentais, sendo que essa convivência com o coletivo garante a saúde do grupo e enriquece o mesmo com a partilha de experiências.

O Projeto como mencionado anteriormente, proporciona, através dos espaços fixos, a comercialização direta dos seus produtos para os consumidores. Essa é a principal vantagem destacada pelos agricultores, isso possibilita e contribui para uma melhor qualidade na oferta dos seus produtos, pois, é uma oportunidade estratégica que agrega valor ao produto e o que é ainda melhor, os produtores tem o contato direto com os clientes, podendo satisfazê-los melhor.

De acordo com Arantes (1994) os produtos precisam atender as necessidades e a satisfação dos consumidores, o produto mostra o verdadeiro conceito de qualidade, é a adequação perfeita e contínua de uma vantagem ao atendimento das necessidades dos clientes.

Nos últimos três anos, no que tange melhorar a produção das propriedades, o Projeto Esperança/Coesperança proporcionou os seguintes incentivos, de acordo com os 11 cooperados entrevistados:

- a) A abertura deste espaço de venda para a divulgação do produto;
- b) Oportunidades de inclusão;
- c) Desenvolvimento do aprendizado;
- d) Aumento dos consumidores e renda;
- e) Utilização de menos agrotóxicos por causa do método a ser utilizado que é a entrega de produtos saudáveis;
- f) Cursos oferecidos para melhorar na produção;

g) Foi proporcionado, através de um projeto de pesquisa, desenvolvido pelo curso de Engenharia da Produção da UFSM, um programa de controle de custos, esse possibilitou aos produtores um melhor controle do que foi vendido e os seus custos com a produção;

h) O convívio das pessoas

i) Apoio do projeto pelo espaço oferecido para a comercialização.

Diante de tudo isso, é grande a importância desses incentivos para os produtores rurais, pois, isso ajuda para a comercialização dos seus produtos, na divulgação dos mesmos e o convívio com as pessoas durante a venda que amplia os seus negócios.

Os produtores cooperados encontram na cooperativa um meio de ampliar seus horizontes e participar em outras associações e cooperativas.

Dentre os produtores/cooperados que participam efetivamente do Projeto Coo/Esperança, 64% participam, também, de outras sociedades cooperativas, quais sejam: Central de Desenvolvimento Rural (Coopercedro), Coopinhal Cereais Ltda (Coopinhal), Cooperativa Agrícola Mista de Nova Palma (Camnpal), Cooperativa Agropecuária de Júlio de Castilhos (Cotrijuc), Cooperativa de Crédito Rural com Interação Solidária (Cresol), Sistema Cresol de Cooperativas de Crédito Rural, (Coomat), Cooperativa Mista dos Agricultores de Toropi, (Cervale) Cooperativa de Eletrificação Rural Vale Jaguari. O projeto possibilita a entrega dos produtos aos restaurantes, creches, colegas feirantes, isso tem um vínculo de amizade entre todos, melhorando a divulgação dos produtos produzidos por esses produtores rurais.

Portanto, com a análise aplicada aos produtores verificou-se que o Projeto trouxe novas ideias em conjunto com a economia solidária, a estes terem uma preocupação com o meio ambiente e com o desenvolvimento sustentável.

A maioria dos produtores rurais (64%) possui sua propriedade localizada na cidade de Santa Maria/RS. Dos 36% restantes, conforme demonstrado no gráfico 1, 18% localizam-se em São Pedro do Sul e os outros 18% dividem-se nos municípios de Dona Francisca, Itaara e Pinhal Grande, o que acarreta em custos, de deslocamento, por exemplo, que são consideráveis na hora de contabilizar os lucros.

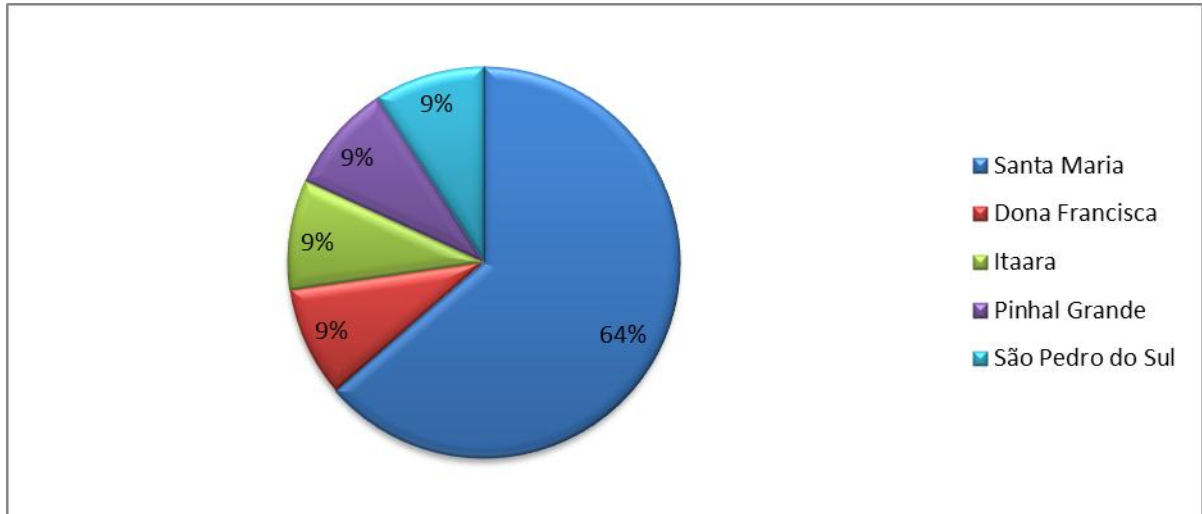


Gráfico 1 – Localização das Propriedades Rurais.

Fonte: Elaborado pela Autora

Em relação ao tempo que os agricultores possuem a propriedade rural, pode-se observar que, 60% dos entrevistados possuem a propriedade entre doze anos a oitenta e oito anos e 40% possuem entre seis anos a dez anos. Considerando 20 anos a média que os produtores possuem a propriedade, nota-se um alto desvio padrão (20,8), sendo que existe uma grande disparidade entre os entrevistados, um produtor possui a propriedade há seis anos enquanto que outra propriedade está na mesma família a mais de um século.

Relacionado à condição de posse da terra, satisfatoriamente percebe-se que 60% são proprietários e que apenas 20% não é proprietário. A posse da terra representa vantagens aos nove proprietários, já que esses não têm preocupação com o aluguel e/ou arrendamento, livram-se deste gasto e investem em outras necessidades da propriedade, tais como ampliação da moradia, galpões para estocar a produção, compra de novos equipamentos, entre outros.

Pode-se verificar que a média do tamanho das propriedades, em hectares, é de vinte e quatro hectares. É necessário ressaltar que 68% dos produtores possuem áreas menores que oito hectares e que 32% dos produtores possuem uma área acima de vinte e cinco hectares chegando a sessenta e oito hectares.

Verificou-se também, a grande diferença de áreas dos produtores envolvidos no Projeto. Enquanto um agricultor possui apenas um hectare para produzir, outro possui 50 hectares a mais. Diante disto, o produtor rural que tem uma propriedade

com uma grande extensão de área produz em maior quantidade, diferente do produtor rural que possui uma limitação para a produção devido à área de pequena extensão.

De acordo com a Lei 10406/02 (BRASIL, 2002) que Institui o Código Civil no Art. 1.228 § 1o o direito de propriedade deve ser exercido em consonância com as suas finalidades econômicas e sociais e de modo que sejam preservados, de conformidade com o estabelecido em lei especial, a flora, a fauna, as belezas naturais, o equilíbrio ecológico e o patrimônio histórico e artístico, bem como evitada a poluição do ar e das águas.

Em relação à área agricultável nota-se que os produtores utilizam parte da área da propriedade para a produção. Dos onze agricultores, 64% possuem uma área de produção menor que treze hectares e 36% produzem em uma área acima de dez hectares.

Sobre os produtos que mais se destacaram pelos produtores do Projeto como principais atividades da propriedade estão os hortifrutigranjeiros, gado – atividade leiteira, agroindústria – porongos (cuias), massas e floricultura.

O conceito de Economia Solidária compreende uma teoria ligada a diversificação da produção. 90% dos produtores diversificam a produção, esses relataram dentre as atividades secundárias, a produção de batata, milho, feijão, cenoura, beterraba, mandioca, verduras, temperos, ovos, leite, queijo, nata, requeijão, pipoca, cebola, frutas cítricas, fumo, verduras, temperos, morango, arroz, criação de frangos, piscicultura, apicultura, vitivinicultura, bovinocultura, panificação, costura e tear.

Destaque-se que os produtores têm uma média de seis atividades secundárias na produção. Havendo mesmo assim, agricultores com índices maiores de diversificação, chegando a doze atividades secundárias o que garante maiores vantagens a esse produtor em relação ao seu produto; ao que possui apenas uma atividade ou nenhuma outra diversificação.

Sendo assim, pode-se verificar que os produtores com índices maiores de diversificação, essa representa, em média, 40% da renda anual da família, o que garante maiores vantagens a esse produtor em relação ao produtor que possui apenas uma atividade ou nenhuma outra diversificação.

A diversificação da produção, em especial, como no presente caso, nas pequenas propriedades rurais, faz com que o agricultor não sofre prejuízos

financeiros quando da "quebra" da produção única, onde o clima é o maior inimigo da atividade produtiva rural.

Segundo Kon (1999), a diversificação compreende o aumento na variedade de bens finais produzidos, na integração vertical e no número de áreas básicas de produção em que a empresa opera. A procura da diversificação por uma organização pode, também, basear-se em necessidades de redução de riscos e incertezas, que ocorrem da atuação em um único mercado, particularmente com relação aos efeitos de flutuação cíclicas ou sazonais da demanda.

É concreta a importância do Projeto para a subsistência familiar, pois, proporciona à comercialização direta dos produtos, através das feiras locais e dos terminais de comércio da Economia Solidária.

Do grupo de cooperados, agricultores familiares, 53% comercializam mais de 75% da sua produção nos espaços destinados a comercialização coletiva; Sendo que 75% destes comercializam 100% da sua produção através do Projeto; somando-se a isso, 87% dos agricultores têm a produção própria suficiente para a comercialização nas feiras e terminais de comércio, e por outro lado, 26% dos produtores precisam adquirir com os outros feirantes em torno de 40% a mais de produtos para a comercialização.

Um dos pontos relevantes na pesquisa foi à fidelização dos agricultores com o projeto, mais de 73% dos agricultores participam da Cooperativa há mais de dez anos e 27% participam menos de oito anos, tendo uma média equivalente a dez anos e meio de participação no Projeto.

Segundo Mógliá (et al., 2003) afirma que a fidelidade vem a ser uma categoria para que o cooperativismo obtenha o sucesso, no qual a criação de estímulos e incentivos é de grande importância para que os cooperados se empenhem e que a cooperativa tenha um bom desempenho econômico e financeiro.

O Projeto está baseado em valores de caráter coletivo, esse conceito atinge 87% dos agricultores entrevistados, ainda assim, existe uma parcela de 13% que participa do mesmo sem o intuito coletivo, busca apenas a sua satisfação individual ou familiar.

CONCLUSÃO

A investigação apresentou o tema o Projeto Esperança/Cooesperança como uma forma de desenvolvimento da pequena propriedade rural: Um estudo de caso de Santa Maria/RS, sendo de suma importância para atual seara do contexto do Cooperativismo e da Economia Solidária, cabe frisar que alguns tópicos podem ter ficado em aberto ou não totalmente preenchidos considerando-se os mais importantes, pois, foram abordados e elencados os itens conforme a necessidade da pesquisa.

O que se buscou foi fazer uma análise em relação às sociedades cooperativas levando em consideração a organização do grupo de pessoas envolvidas e diagnosticar a real importância da economia solidária para o desenvolvimento da pequena propriedade rural, desde o início do processo produtivo até a venda da produção efetiva.

Pelo fato da dificuldade de emprego e espaço para a venda dos produtos dos produtores rurais houve a necessidade de se criar algo que viesse a contribuir com essas pessoas, evitando o êxodo rural, o aumento de subempregos, o que acarretou então no surgimento do Projeto.

O Projeto Esperança/Cooesperança dos pequenos Produtores Rurais é muito importante no âmbito econômico, pois, trouxe a preocupação com a produção em relação aos custos, o lucro e a qualidade.

Através do controle dos custos, dos lucros e da qualidade os cooperados têm a noção de quais produtos trazem rentabilidade e estipulam o preço da venda sendo que a maioria tem como base a escala de preço estipulado pelo projeto, preço de mercado e os custos na produção. Realizam um tipo de controle de qualidade da produção na propriedade através de uma análise com finalidade de proporcionar aos consumidores um produto de qualidade.

Um dos pontos positivos, e também, o diferencial dos cooperados e a relação com o projeto, é a fidelização seguindo as regras estipuladas pelo grupo sendo fundamental na capacidade da cooperativa de diferenciar-se perante o mercado econômico. O projeto mostra a viabilidade de produzir ecologicamente através de

uma agricultura sustentável que não venha a prejudicar o meio ambiente e os grupos de pessoas/comunidade.

A cooperativa tem como desafio fazer com que os seus associados venham comprometer-se a entregar a totalidade da sua produção comercializada ou adquirir os insumos utilizados no sistema produtivo da cooperativa, a qual, o grau de dependência da relação para o cooperado é menor.

Os cooperados têm dificuldades para ampliar a capacidade de produção, visto a falta de mão de obra para a atividade agrícola fazendo com que a produção fique com os familiares o que acarreta muito trabalho e cansaço, ao final, sendo os próprios produtores os responsáveis por cuidar de toda a produção, desde o plantio até a colheita e a efetiva venda aos consumidores nos espaços disponibilizados pelo Projeto.

Portanto, sendo também outro ponto positivo, é que o Projeto trouxe benefícios para os produtores baseado em novas ideias conjuntamente com a economia solidária com o objetivo de terem a preocupação com o meio ambiente e com o desenvolvimento sustentável. Sendo importante para a subsistência familiar proporcionando à comercialização direta dos produtos, através das feiras locais e dos terminais de comércio da Economia Solidária.

É evidente que estes grupos de pessoas tenham que unir-se pela busca de um objetivo comum com o intuito de desenvolverem conhecimento, ampliar novos horizontes e a interação de amizade.

Por isso, a preocupação com os aspectos negativos que existem no projeto e que precisam melhorar com a finalidade de proporcionar satisfação aos produtores vinculados e despertar o interesse de outros produtores sendo fundamental para o fortalecimento.

Ressaltou-se nas conversas informais a necessidade de um apoio técnico específico maior no ambiente de produção, visto a possibilidade de contatos dos coordenadores do projeto com os devidos espaços, como os centros de pesquisa das universidades, EMATER, etc.

Discutir a forma de desenvolvimento econômico da Cooperativa dos produtores rurais e urbano que fazem parte do Projeto almejando verificar o quanto a cooperativa é importante para o desenvolvimento das propriedades dos pequenos produtores rurais objetivando alcançar os resultados pretendidos para manterem-se no mercado com mais eficiência e permanecerem nas suas propriedades,

incentivando os filhos a estudarem e retornarem para auxiliar na melhoria e crescimento de todos.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Nélio. **Sistemas de gestão empresarial**. São Paulo: Atlas, 1994.

ACI – Aliança Cooperativa Internacional - Portal do Cooperativismo. Disponível em: <http://cooperativismodecredito.coop.br/entidades-de-representacao/aci-alianca-cooperativa-internacional/>. Acesso em 11 dez.2013.

BIALOSKORSKI NETO, S. **Governança e perspectivas do cooperativismo. Workshop Internacional de Tendências do Cooperativismo, PENSA/FUNDACE/FEARP-USP**, p. 17-35, 1998.

COOESPERANÇA, **Cooperativa Mista dos Pequenos Produtores Rurais e Urbanos Vinculados ao PROJETO ESPERANÇA**. Disponível em: <http://www.esperancacooesperanca.org.br/>. Acesso em 21 nov.2013.

CHIAVENATO, Idalberto. **Comportamento Organizacional: a dinâmica do sucesso das organizações**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

DIAS, M. A. P. **Administração de materiais: uma abordagem logística**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

DUTRA, René Gomes, **Custos: uma abordagem prática**, 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODELIER, Maurice. **D'un mode de production à l'autre: théorie de la transition**. Recherches Sociologiques. Louvain-la Neuve, v. 12, n. 2, p. 161-193, 1981.

HOFFMAN, K. Douglas, JOHN E. G. Bateson. **Princípios de Marketing de Serviços: Conceitos, estratégias e casos**. 2º ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

KON, A. **Economia industrial**. São Paulo: Nobel, 1999.

LAMGE, C. M. **A Construção de conhecimentos em espaços de economia popular solidária (o sentido pedagógico do Projeto Esperança/Cooesperança)**. Ijuí, RS. Pallotti, 2009.

LAKATOS, Eva Maria, Marina de Andrade Marconi. **Metodologia do trabalho Científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LEI Nº 5.764, DE 16 DE DEZEMBRO DE 1971. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5764.htm. Acesso em 11 dez.2013.

MOUTELLA, Cristina. **Fidelização de Clientes como Diferencial Competitivo**. Disponível em: <http://www.gerenciadordevendas.com.br/gerenciador/artigo010.htm> Acesso em 13 dez. 2013.

MÓGLIA L.C. et al. **Fidelidade e reciprocidade do cooperado**. O caso da Carol. SOBER palestras, Brasília, 2003. Disponível em www.sober.org/palestra/12/04P261.pdf. Acesso em 15 dez.2013.

OLIVEIRA, Joel Guimarães Campos. **A importância da formação do pedagogo para as medidas sócio-educativas: experiência educativa na perspectiva da economia solidária**. Trabalho Final de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. 2011. 129f. Brasília, 2011.

REVISTA: 35 ANOS DO PROJETO ESPERANÇA/COOESPERANÇA. **Projeto Esperança/ Cooesperança: Uma experiência aprendente e ensinante**. Publicação: Projeto Esperança/Cooesperança da Arquidiocese de Santa Maria. Edição: 15 de dezembro de 2012. Editora Pallotti: Santa Maria, RS, Brasil.

ROSEMBUJ, Túlio. **La empresa cooperativa**. Ediciones CEAC, S.A: Barcelona, 1985.

SISTEMA Nacional de Comércio Justo e Solidário. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/ecosolidaria/sistema-nacional-de-comercio-justo-e-solidario/>. Acesso em 11 dez.2013.

SARRIA ICAZA, Ana Mercedes; FREITAS, Marcelo Ribeiro de (org.). **O Projeto Esperança/Cooesperança e a construção da economia solidária no Brasil. Relato de uma experiência**. Cáritas Brasileira, Porto Alegre: 2006.

SANTOS, J. J. dos. **Análise de custos**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990.

SOUZA-SILVA, J. C.; SCHOMMER, P. C. **A pesquisa em comunidades de prática: panorama atual e perspectivas futuras**. o&s: Janeiro/Março. v.15, p.105-127, 2008.

SOUZA, André Ricardo de (Org.) ; SINGER, Paul (Org.) . **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003. v. 1. 360p.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005. YIN, Roberto K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 2ª Ed. Porto Alegre. Editora: Bookmam. 2001.

VITORINO, J., BENATO H. **Cooperativismo: encontros e desencontros**. São Paulo: IAC, 1994.

YIN, Roberto K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2ª Ed. Porto Alegre. Editora: Bookmam. 2001.

APÊNDICE A – O projeto Esperança/Cooesperança – Foco do Estudo

O Projeto

Na cidade de Santa Maria,⁴

Esse projeto está ligado a um dos setores do Banco da Esperança da Arquidiocese de Santa Maria, que é integrado com a Cáritas Regional – RS. A Arquidiocese de Santa Maria, articula e congrega as experiências de EPS⁵, ligadas ao meio urbano e rural.

Desde o surgimento do Projeto, vem sendo construído o Associativismo, o trabalho, a solidariedade, a cidadania, um modelo novo de Cooperativismo Autogestionário, juntamente com a Economia Popular Solidária e a Inclusão Social. Tudo isto vem sendo uma fonte de aprendizado e de experimentação em conjunto com todos os trabalhadores que se uniram para somar esforços e capacidades, assim gerando fatores de renda para que todos possam conquistar melhores condições de vida, desenvolvimento da reflexão e uma prática de um consumo consciente e solidário respeitando o meio ambiente.

A principal motivação do Projeto Esperança foi o envolvimento da organização de pessoas, com as suas capacidades organizativas e com o aprofundamento das práticas solidárias existentes nas comunidades. Foi esse desafio que motivou o Projeto, juntamente com a união de todos a ter resistência nos momentos de dificuldades, sempre procurando manter vivo o projeto histórico desde a sua emancipação.

Outra atividade ligada ao projeto, conta com a participação de um grupo de pequenos produtores rurais tendo como instrumento econômico para alavancar os seus negócios, uma sociedade cooperativa que é chamada pelo nome de Cooperativa Mista dos Pequenos Produtores Rurais e Urbanos vinculados ao Projeto Esperança/Cooesperança, que foi criada no dia 29 de setembro de 1989. O

⁴ Na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul existe o Projeto Esperança que foi criado dia 15 de agosto de 1987, que surgiu à partir do estudo do livro “A Pobreza Riqueza dos Povos” do autor africano Albert Tévoédjéré. O estudo ocorreu entre os anos de 1982 a 1985 onde foram criados os primeiros PACS- Projetos Alternativos Comunitários.

⁵ EPS- Economia Popular Solidária.

Projeto é uma experiência que está consolidada e faz parte do trabalho do Banco da Esperança da Arquidiocese de Santa Maria e da Cáritas - RS.

A Cooperativa é uma central, que juntamente com o Projeto Esperança reúne e articulam os grupos organizados que viabilizam a comercialização direta dos produtos produzidos pelos empreendimentos solidários no campo e na cidade e que fortalecem juntos, na proposta alternativa, solidária, transformadora e “autogestionária” e do desenvolvimento sustentável (COOESPERANÇA, 2010).

É uma forma eficaz e muito eficiente de fortalecer os grupos, consolidar a articulação e construir Políticas Públicas articuladas em Rede Solidária.

A seguir uma ilustração do Organograma da estrutura do Projeto Esperança/ Cooesperança.



Figura 1 Organograma da estrutura do Projeto Esperança/ Cooperança. Fonte: (Revista 35 do Projeto Esperança/Cooperança, Santa Maria RS- Brasil, 2012, pg.20).

Sobre a COOESPERANÇA⁶, dentro deste Projeto foi formado um grupo de trabalho composto por pessoas representantes dos produtores, pela equipe do Projeto Esperança e por alguns professores da UFSM (Universidade Federal de Santa Maria) e pessoas ligadas à área do Cooperativismo. Durante estes encontros entre todos os envolvidos o intuito deste trabalho era a formar uma Cooperativa de comercialização, no qual este sonho foi realizado com a sua Inauguração em 29 de Setembro de 1989. Neste período de ano a cooperativa funcionava dois dias por semana, no começo eram poucos produtores somente dez, este grupo tinha muita organização, eles vinham até a Cooperativa e comercializavam conforme fala da Irmã Lourdes.

Os três primeiros anos de funcionamento, da Cooperativa, apresentaram grandes crises e dificuldades que levou a Cooperativa quase foi à falência⁷, onde teve de fechar e reabrir por quatro vezes o terminal de comercialização dos produtores tendo quatro diretorias diferentes. Com esta dificuldade a Cooperativa Cooesperança quase foi à falência⁸ mas, durante o período dos anos 90 a Cooperativa começou a ter uma lenta recuperação em toda a sua estrutura. O principal objetivo nesta recuperação foi focar na Feira do Cooperativismo considerando ser um espaço de visibilidade, fortalecimento da solidariedade, da inserção e apostar na economia solidária como novo horizonte teórico e como um espaço identitário.

No terminal de comercialização da Cooperativa, foram organizadas as feiras de comercialização direta, que aconteciam dois dias por semana, esta ideia da comercialização aparecia como uma forma de viabilizar as atividades dos produtores rurais, dando a possibilidade a eles um espaço de venda dos seus produtos. No entanto, sem muitos recursos e organização para o desenvolvimento desse tipo de atividade e a participação dos membros acontecia de maneira bastante improvisada.

Segundo Sarria Icaza; Freitas, (2006, p.45) dialogando com Irmã Lourdes, ouviram que:

os primeiros empreendimentos que vinham na feira, que foi de 1988 para 1989, vinham de ônibus de linha, traziam produtos nas sacolas e ficavam

⁶ Cooperativa Mista dos Pequenos Produtores Rurais e Urbanos vinculados ao Projeto Esperança.

⁷ Apesar de constar no histórico a possibilidade de “falência” este termo é um desacordo com a legislação cooperativista. Estabelece a Lei Cooperativista que as sociedades cooperativas quando em crise financeira irreversível são dissolvidas através de um processo de liquidação e extinção.

dois dias em Santa Maria. Traziam seu produto e comercializavam de forma, assim, diria, primitiva, porque não tinha outra forma.

Ao longo desse processo todo e todas as dificuldades ocorridas na Cooesperança , a equipe do Projeto Esperança continuou realizando o trabalho de formação e estímulo aos grupos, mantendo a linha original de desenvolvimento dos PACs (Programa de Agentes Comunitários de Saúde) , mas a equipe de professores e técnicos da área de cooperativismo da UFSM foram se afastando e diante disto o Projeto Esperança sob a direção da Irmã Lourdes e da equipe executiva com os técnicos da EMATER, a Irmã Lourdes assumiu para si este desafio de revitalizar a Cooesperança ela foi organizando discussões, atividades de formação, viagens e feiras de agricultura, estudos e um forte esquema de assessoria junto aos grupos no sentido de motivar a reabertura da cooperativa. Esses grupos organizados foram estimulados a reassumir a gestão do Terminal da Cooperativa Cooesperança com o apoio apenas do Projeto Esperança.

Ai nós fizemos um reestudo, fizemos viagens para muitos lugares, Santa Catarina, Santa Rosa, Cachoeira, onde tinha feiras. Nas feiras, naquela época, não se falava em economia solidária, se falava em feira de agricultura. Nós fomos nesse tipo de feira, formamos um colegiado, estudamos novas estratégias, e foi dali então que surgiu a perspectiva do feirão colonial e daí se fez todo um ensino, todo um trabalho e, em 1 de abril de 1992, reabrimos pra não fechar mais. Essa data marca o reinício e a nova etapa com a reflexão da economia solidária e da autogestão. Esse foi o marco do início desse trabalho integrado do projeto Esperança/Coesperança. Claro, com muitos problemas de descrédito, uns quantos saíram foram, conforme fala da Irmã Lourdes (SARRIA ICAZA, FREITAS, 2006, p.46).

Atualmente na cidade de Santa Maria/RS existem vários projetos de Economia Solidária um deles é a Teia Esperança que designa ser uma rede de empreendimentos solidários associados ao Projeto.

A fundação do projeto ocorreu em 14 de janeiro de 2003, como uma proposta de articular os empreendimentos Solidários para ter um maior escoamento da produção e qualidade dos pontos de Comercialização Direta. Dom Ivo Lorscheiter foi a base no ponto de articulação que seguiu o modelo de troca de experiências e de produtos, todos os sábados no feirão colonial semanal onde utilizou como referência a economia solidária

O terminal de Comercialização foi reaberto no dia 1 de abril de 1992, assumindo o nome de Terminal de Comercialização Direta, a reabertura veio marcar o início de uma nova fase na história da Cooesperança, a cooperativa nesta época

de ano é totalmente integrada ao Projeto Esperança, resultando na atual denominação “Projeto Esperança/Cooesperança.

No primeiro momento foi colocar em prática a proposta da comercialização direta para que ela realmente viesse a funcionar, onde procurou-se envolver os produtores de forma efetiva e eles gerando resultados que viabilizassem economicamente os grupos e o terminal de comercialização. Foi diante disto, que começou a comercialização direta, alcançada pelos próprios produtores e não por funcionários especializados. Muitos dos grupos de produtores não queriam comprometer-se com a venda de seus produtos, queriam apenas entregar seus produtos para a comercialização e recebendo posteriormente o valor da venda de seus produtos. Foi diante disto, que se recomeçou a comercialização direta aos sábados, conhecido atualmente como o “Feirão Colonial Ecológico”, onde os produtores traziam seus produtos para vender no feirão, eles interagiam entre os outros produtores e com os consumidores. Existiram muitas resistências e dificuldades que apareciam com frequência como, por exemplo: ausência de qualquer espécie de preocupação com a apresentação das mercadorias, dificuldades de atendimento aos consumidores, etc.

Conforme a Irmã Lourdes Dill in Sarria Icaza; Freitas (2006, p.50).

Foi um longo processo para se motivar esses grupos, levou tempo para que se motivassem, levou tempo para que se motivassem e fizessem o feirão. O que significava o feirão? O produtor vir vender. E o produtor não queria vender. Ele queria ou vender como antes ou que alguém vendesse pra ele. Somente após um longo processo e de aposta em algumas poucas experiências é que o pessoal foi se convencendo. Mas foi muito duro.

Hoje o Feirão Colonial existe há 23 anos, realizado todos os sábados, no Centro de Referência de Economia Solidária Dom Ivo Lorscheiter, no seguinte endereço na Rua Heitor Campos, snº, ao lado do Colégio Estadual Irmão José Otão na cidade de Santa Maria RS. Neste Feirão Colonial, os participantes são os produtores organizados da Região Central – RS, estes produzem ecologicamente, cooperativamente e comercializam diretamente ao consumidor.

O carro chefe do Feirão colonial são os hortifrutigranjeiros e os produtos de agroindústrias familiares, este dado é identificado pelo volume de produtos que são mais vendidos, principalmente aqueles produtos direcionados a agricultura familiar e aos produtos associados aos alimentos.

Na administração do Feirão existe um cuidado na qualificação dos produtos, sempre zelando para a sua apresentação, embalagem e rótulo. Os grupos adquiriram a consciência de que as vendas crescem a partir do momento que o produto ganhar qualidade. Cada grupo dos produtores no Feirão já tem uma característica própria, estes grupos de diferentes setores são responsáveis pelo controle de qualidade de seus produtos e serviços oferecidos no terminal de comercialização.

Além da venda dos produtos no Feirão Colonial, existem outros pontos de venda na cidade de Santa Maria onde os grupos de produtores deixam seus produtos para a venda, como um dos locais é no Centro de Economia Solidária, que funciona desde 1998 localizado na área urbana da cidade contendo uma equipe permanente, que é formada pelos próprios associados e para todos os grupos que tenham interesse em colocar seus produtos para a comercialização. Para as pessoas que trabalham com o Artesanato onde existe o local para a comercialização dos seus produtos chamado o Ponto do Artesanato e os demais grupos participantes deixam seus produtos em entidades que prestam algum tipo de assessoria ou em vários pontos de vendas que funcionam nas próprias colônias, praças ou pontos específicos de comercialização direta.

Um diferencial que registra é que todos os grupos participantes do Feirão Colonial são responsáveis pelo transporte dos produtos até o seu ponto de venda. No início das atividades do Feirão, os produtores receberam apoio nos transportes, após começaram a levar à produção em ônibus de linha e no ano de 2010 a maioria dos produtores já tinham adquirido o seu próprio veículo devido os bons resultados da comercialização de seus produtos, pois, o transporte é o item principal de despesa dos grupos.

Os produtos comercializados são vendidos com um preço abaixo do mercado local e os demais custos de produção e comercialização são específicos de cada grupo. Além disso, existem custos na industrialização, trabalho, energia, embalagem e rotulagem.

A forma de divulgação do Feirão Colonial é através de e-mail, sites da internet, rádio, televisão, jornais, folders, cartazes, eventos, boca-a-boca e demais veículos de comunicação possíveis. Em geral o perfil dos consumidores é muito variado, englobando todas as faixas de renda e com mais ou menos tempo de estudo sendo que a maioria é responsável com uma consciência ecológica, pois,

não utilizam sacolas plásticas e tem interesse por produtos saudáveis e sustentáveis. E muitos consumidores são fiéis na opinião dos produtores que há mais de 20 anos compram no feirão e eles (produtores) procuram diversificar a produção, temendo a sazonalidade, buscam estabilidade na renda.

Os grupos têm a responsabilidade pela organização da feira dividindo a operacionalização que contribuem com 8% da venda bruta de cada grupo com o objetivo de custear o feirão, a manutenção do local, limpeza, água, luz e pintura.

No dia 1 de julho de 1994 foi realizada a primeira Feira do Cooperativismo. Foi através desta feira que houve a participação de 27 grupos de 13 municípios participantes da comercialização direta, nesta feira teve um público estimado de 4000 pessoas, tendo como um grande impacto para a cidade de Santa Maria, isto foi uma forma de divulgação do Projeto Esperança e para o Feirão Colonial. Sendo assim, que foi criada até hoje a chamada FEICOOP (Feira do Cooperativismo), que veio mostrar um importante espaço de articulação e fortalecimento de parcerias e de visibilidade para o projeto, desenvolvendo sua abrangência com o passar dos anos.

Houve um grande processo de recuperação da Cooperativa, foi desenvolvida uma estreita relação com o processo de emergência da economia solidária no Rio Grande do Sul. A Cooesperança apresenta muitos desafios como a questão legal, a certificação, identificação dos produtos com a economia solidária e a falta de capital de giro.

Portanto o Projeto é considerado um avanço, pelo espírito de autogestão dos empreendimentos, pela criação de novas feiras, oportunidade que abre para que grupos participem das políticas públicas.

APÊNDICE B – A Feira

A Feira

O Bispo Emérito Dom Ivo Lorscheiter (*In memoriam*) assumiu o bispado da Diocese de Santa Maria no ano de 1974. Quando chegou a Santa Maria defrontou-se com uma cidade encravada no meio rural onde predominavam grandes latifúndios de criação de gado, cultivo de arroz e produção de fumo, bem como outras regiões com pequenas propriedades com sérios problemas de viabilização econômica, principalmente nas regiões das antigas colônias de italianos e alemães.⁹

Somente duas instituições na época eram fortes na cidade, a UFSM¹⁰ e as forças militares, pois era uma época de ditadura e repressão política. Com todos esses fatores o Bispo Dom Ivo Lorscheiter sugeriu “modestamente imitar o que era realizado na cidade do Rio de Janeiro e implantar aqui na cidade de Santa Maria, o inspirado Banco da Providência criado pelo Dom Helder Câmara que chamava-se Feira de Providência, que acontece anualmente. Com essa inspiração o Dom Ivo começou a organizar uma Feira Anual de Comercialização que chamou-se “Feira da Primeira” que está na 37ª edição, que trouxe uma possibilidade de articulação com toda a região com objetivo de arrecadação de fundos na época para a fundação do Banco da Esperança que foi fundada no dia 20 de dezembro de 1977 pelo saudoso Bispo Dom Ivo Lorscheiter.

Desta forma, o Bispo Dom Ivo Lorscheiter foi o principal organizador das primeiras feiras de comercialização solidária ligadas ao Projeto Esperança/ Cooesperança, após a Irmã Lourdes Dill deu continuidade no trabalho que Dom Ivo deixou como legado.

⁹ SARRIA ICAZA, Ana Mercedes; FREITAS, Marcelo Ribeiro de (org.). O Projeto Esperança/ Cooesperança e a construção da economia solidária no Brasil. Relato de uma experiência. Cáritas Brasileira, Porto Alegre: 2006.

¹⁰ Universidade Federal de Santa Maria.

ANEXO A – Questionário utilizado para a entrevista

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
COLÉGIO POLITÉCNICO DA UFSM
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GESTÃO DE COOPERATIVAS**

**A IMPORTÂNCIA ECONÔMICA DA COOPERATIVA-SOLIDÁRIA PARA O
DESENVOLVIMENTO DA PEQUENA PROPRIEDADE RURAL - ESTUDO DE
CASO DO PROJETO ESPERANÇA/ COOESPERANÇA DE SANTA MARIA / RS.**

Acadêmica: Daiane Piegas Messa da Costa

Parte I – Caracterização geral dos entrevistados

1) Identificação do respondente:

2) Aonde está localizada a propriedade (Município/Sítio)?

3) Há quanto tempo possui a propriedade? _____ (meses/anos)

4) Qual a situação da posse da terra?

(se não proprietário quanto paga pelo aluguel da terra, ou se proprietário qual seria o preço do aluguel da terra)

() proprietário

() não proprietário

Aluguel: R\$ _____

5) Qual o tamanho da propriedade? _____ ha

6) Qual a área agriculturável? _____ ha

7) Possui área arrendada? () Sim _____ ha () Não

8) Qual o principal tipo de atividade da propriedade (%)?

9) Atividades secundárias (%) ? _____

10) A produção própria é suficiente para as vendas ?

() Sim

() Não _____ % produção externa

11) Qual o percentual da sua produção que é comercializado via projeto Esperança/Cooesperança?
_____ %

12) Há quanto tempo participa da Cooperativa (Projeto Esperança/Cooesperança)? ____ (meses/anos)

13) Participa de outras associações/cooperativas? Quais? _____

14) Quais as principais vantagens que te incentivam a participar do projeto Esperança/Cooesperança? _____

15) O seu maior interesse no projeto Esperança/Cooesperança é:

- individual
 coletivo

16) Que tipo de aprendizado recebem no projeto Esperança/Cooesperança?

Parte II – Aspectos Gerenciais

17) Você realiza algum tipo de controle dos custos de produção?

- Sim, qual? _____
 Não

18) Você tem ideia de qual produto lhe traz mais retorno?

- Sim, como obtém essa informação? _____
 Não

19) Como você determina o preço de venda dos seus produtos?

20) Você tem dificuldades financeiras para manter-se com a atividade agrícola?

- Sim Não

21) Você tem dificuldades com falta de mão de obra para auxiliar na atividade agrícola?

- Sim Não

22) Recorre com frequência a empréstimos bancários ou afins?

- Sim Não

23) Como conhece a opinião dos seus clientes sobre seu produto? O que costuma fazer para melhorar, caso ele não esteja agradando?

24) Seu trabalho lhe traz realização profissional?

- Sim Não

Por quê? _____

25) Você realiza algum tipo de curso ou treinamento para aprimorar o seu trabalho e de seus colaboradores?

- Sim, quais? _____
 Não

26) Você realiza algum tipo de controle de qualidade do que é produzido na propriedade?

- Sim, quais? _____
 Não

27) Que procedimentos adota quando o que é produzido não está conforme as necessidades?

28) Você realiza algum tipo de avaliação após o período produtivo, a fim de planejar o próximo?

- Sim, como se dá essa avaliação? _____
 Não

Parte III – Inovação:

29) O que o projeto Cooesperança lhe proporcionou nos últimos três anos no sentido de melhorar a produção de sua propriedade? Quais foram os incentivos?
